

Projetos de pesquisa em artes visuais: um relato das experiências de um trimestre

Visual Arts Research Projects : A brief of the experiences of a trimester

Gilberto Hora¹; Marise Castro².

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar e refletir sobre o desenvolvimento dos projetos discentes de artes visuais, realizados na turma de oitavo ano dos docentes autores, durante o primeiro trimestre de 2015. Utilizamos como recursos o registro fotográfico, por tratarmos de visualidades, e a descrição direta das ações realizadas evidenciando prós e contras das escolhas feitas. As referências bibliográficas especializadas, como Freire, Arouca e Hernández nos auxiliaram a reconsiderar os acontecimentos e nossa intervenção como docentes. Verificamos também que o favorecimento da escolha do aluno quanto aos assuntos a serem trabalhados, promoveu maior interesse e rendimento, apesar das dificuldades iniciais de instauração das propostas.

Abstract

This paper aims to show and reflect about the development of students in visual arts projects, in the eighth grade classes of the researchers teachers, during the first trimester of 2015.

We used the photography as resources because the projects is about visual arts, and the direct description of the process showing the positive and negative effects of our choices.

Specialized references as Freire, Arouca and Hernández helped us to understand the process and our intervention as art teachers.

We also checked the importance of encouraging student's choice about the curriculum itens. It has provided a higher interest and performance despite the first founded difficulties to develop the proposals.

Palavras-chave: Educação. Arte. Projeto.

Keywords: Education. Art. Project.

¹ Professor de Educação Artística, graduado pela UFRJ, tendo também formação complementar em Arte Contemporânea na EAV Parque Lage, e atualmente cursando Especialização Lato Sensu em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo IFRJ/Nilópolis. Atua como educador a 3 anos, tendo trabalhado como docente em instituições públicas e oficineiro/organizador em oficinas de desenho e fotografia.

² Professora de Educação Artística, graduada pela UFRJ, tendo também formação em Artes Cênicas pela UFBA, e, atualmente, cursando Artes Visuais/Escultura na UFRJ. Atua como educadora há mais de 15 anos, tendo trabalhado em escolas particulares e públicas, além de atuar em Escolinhas de Artes e Teatro em condomínios com Programas de Recreação e Lazer.

Introdução

Este relato aborda de maneira reflexiva e analítica os projetos de pesquisa elaborados pelos discentes em uma turma de oitavo ano durante o primeiro trimestre de 2015. O trabalho explicita os ganhos promovidos pelo favorecimento da autonomia do aluno através da elaboração de projetos de artes visuais de sua escolha com inserção de orientações e mediações dos professores durante o processo, a partir de temas curriculares norteadores.

A proposta foi motivada pela grande quantidade de trabalhos abandonados na própria escola após a entrega dos mesmos ao final do ano letivo, em 2014. Entendemos que o descarte do material produzido ao longo do ano revela de maneira icônica uma não identificação e significação da produção pelo próprio aluno, apesar de muitas delas apresentarem caráter técnico plausível.

As diferentes fases e atividades que compõem um projeto ajudam os estudantes a desenvolver a consciência sobre o próprio processo de aprendizagem.
(HERNÁNDEZ, 1998)

Através da reflexão da prática cotidiana, consideramos as propostas de Fernando Hernández quanto aos benefícios agregados ao ensino pela pedagogia de projetos como possível alternativa de sensibilização dos alunos. Tínhamos então como objetivo um maior aproveitamento significativo da produção plástica por parte dos alunos envolvidos.

Os docentes autores deste trabalho compartilham a regência de uma turma de oitavo ano, composta por 31 alunos. Nas aulas de artes visuais as turmas se dividem em pequenos grupos de 15 e 16 alunos. Deste modo, cada docente leciona simultaneamente, em espaços separados, cada um dos grupos. Considerando que a aula conta com propostas teórico-práticas específicas, a divisão dos grupos visa favorecer um melhor aproveitamento dos alunos frente a estas propostas. A turma também conta com a presença de estagiários, graduandos de Educação Artística, que atuam participativamente dos processos, seguindo as orientações dos regentes e trazendo seus próprios comentários, críticas e vivências. As diretrizes curriculares para o oitavo ano são estudos de textura e composição. Cabe ao docente selecionar as referências teórico-práticas que considerar apropriadas para promoção, aproximação e aprofundamento dos conhecimentos, considerando predominantemente as experiências cotidianas.

Após aulas expositivas sobre a unidade temática e breves pesquisas sobre as habilidades e interesses dos alunos, foi proposto que cada um elaborasse um projeto onde

pudesse trabalhar estas particularidades associadas ao conteúdo da unidade. Foi necessário primeiramente apresentar algumas bases estruturais (como objetivo comum, materiais a serem utilizados, seleção de fontes de pesquisa e etc.) para uma compreensão da necessidade do fracionamento do trabalho em pequenas etapas a serem desenvolvidas durante as aulas. No primeiro momento, alguns alunos apresentaram estranhamento quanto ao desenvolvimento de um projeto de longa duração, por estarem acostumados a projetos de no máximo duas aulas; porém, com o tempo e a prática esta questão foi amenizada. Os alunos então iniciaram a elaboração dos projetos em grupos, ou individuais, descrevendo as atividades que realizariam ponto a ponto, alinhando o cronograma às ações a serem executadas, esboçando croquis dos produtos finais esperados, listando os materiais e os métodos de utilização dos mesmos. Surgiram projetos de trabalho em pintura, biscuit, macramê, bordadura, texturas visuais e táteis em tecidos, tela e papéis, etc., que revelaram habilidades fascinantes.

Obviamente dificuldades foram encontradas no percurso e, juntamente com elas, aprendizados diversos, como, por exemplo, a necessidade de modificação do projeto por impossibilidades técnicas. A experimentação surge neste âmbito como norteadora das escolhas processuais antes de conclusões finais. Questões em relação ao cronograma e da responsabilidade pela obtenção de materiais e referências também merecem destaque. Quando se trabalha em grupo é fundamental responsabilizar-se pelas atribuições que lhe foram delegadas para materialização da proposta.

Os alunos que não lograram êxito na execução da atividade reconheceram através de depoimentos escritos, exercício sugerido para facilitar uma nova organização por parte dos mesmos numa outra oportunidade, que as falhas ocorreram por falta de “comprometimento”, o que consideramos positivo por tratar-se, afinal, de um posicionamento - normalmente escamoteado em desculpas evasivas, e uma excelente resposta ao quesito autonomia por nós proposta.



Foto 1 : Alguns dos projetos desenvolvidos pelos alunos expostos no mural do corredor comum.

Após o êxito da primeira proposta de trabalho com projetos com a temática textura e composição, os alunos puderam realizar pesquisas individuais ou em parcerias, exercitando sua autonomia por meio de escolhas e métodos de trabalho. Sugerimos então uma segunda proposta de projeto visando continuidade das relações plásticas e sensoriais levantadas pelos projetos primários, desta vez com material específico definido por nós e que compreendia quatro etapas. Utilizamos o papel alumínio como recurso de exploração de texturas da natureza através de pesquisas de campo e atividades em sala posteriores a saída. Tal proposta demandou saídas do espaço escolar, com as duas metades da turma, para o espaço de investigação. De acordo com as proposições de Hernández quanto a promoção de ensino participativo e investigativo do aluno, nosso objetivo primordial era fazer com que a turma se envolvesse intensamente com as vivências externas de modo a potencializar a execução da proposta prática a ser realizada posteriormente em sala.

Os alunos se comportaram de maneira eufórica durante a primeira saída, por conta do grande interesse pela atividade externa que foi desenvolvida no espaço do Parque Lage, no Rio de Janeiro, parque próximo a área da escola. A proposta principal era o contato físico com as texturas naturais e a captura de texturas através do papel alumínio levemente pressionado

sobre as mesmas (Foto 2), que culminaria, em sala de aula, em reproduções através de desenhos sobre papel Canson, gerando novas texturas visuais a partir das interpretações individuais de cada aluno (Foto 3). A surpresa e os resultados foram vibrantes, o que criou nos alunos uma forte expectativa e ansiedade quanto as visitas futuras.



Foto 2 : Aluna A fazendo experimento de textura natural com papél alumínio



Foto 3 : Reprodução em criação livre da textura “capturada”

A segunda etapa da proposta com o papel alumínio (aproveitando as sobras, consideradas “erros” pelos alunos, do trabalho anterior) sugeria a “ressignificação” deste material. A questão enunciada era: “de que maneira o papel alumínio deixaria de ser papel alumínio e se transformaria apenas em textura?” A partir dos conceitos já apreendidos, a resposta veio fácil: “eliminando a sua aparência!”. Assim, os alunos começaram, em criação livre, a elaborar composições - alguns fazendo associações com outros materiais - utilizando camadas de tinta que unificavam e reduziam as mesmas apenas a texturas, sem definição clara dos materiais utilizados. (Fotos 4 e 5)

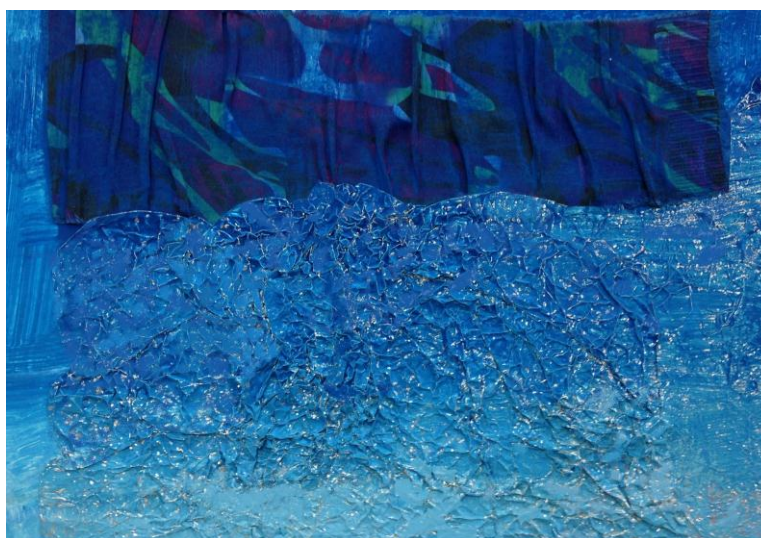


Foto 4 : Resignificação da textura (Aluno B)



Foto 5 Resignificação da textura (Aluno C)

A terceira etapa e segunda saída da escola viria a repetir a pesquisa de campo, desta vez visando a captura de texturas na natureza que pudessem representar a subjetividade das “texturas nas relações humanas”. É importante considerar que durante estas propostas externas a turma trabalha de forma integral, voltando a sua forma original de 31 alunos com dois professores orientadores, e não atuando em grupos separados. Durante a saída também contamos com a ajuda dos estagiários para auxílio na condução dos alunos até o parque, trajeto que foi realizado a pé, com todo o grupo.

O trabalho seria realizado em duplas e o objetivo era encontrar em texturas, características positivas e negativas que consideravam em cada par. A captura deveria ser feita através de registro fotográfico, também para posterior atividade em sala de aula. Esta proposta visava criar vínculos mais fortes entre os pares, pois o próximo e último trabalho do projeto com papel alumínio seria modelar, após um exercício de sensibilização com toque físico, quando se perceberia o formato e a textura da pele, o rosto do outro, e que, acreditamos, promoveria um reconhecimento profundo do respeito por seus pares e uma relação de “textura suave” em sala de aula. A pergunta norteadora para o entendimento dos alunos sobre a proposta foi: “Se quiséssemos nos referir a alguém como: ‘aquele homem é um grosso!’, ou ‘fulana é uma fofa’, em quais texturas pensaríamos?”. As respostas foram imediatas. Um aluno logo mostrou uma das imensas pedras que formavam a parede do hall de entrada do parque e uma aluna mencionou a folha de boldo, que tem a superfície aveludada. E as duplas partiram, desta vez bem mais organizadas, para as suas pesquisas. Ao encontrar alguns pares fotografando as texturas escolhidas, nos deparamos com descrições como a de duas alunas, que registravam um emaranhado de raízes, dizendo “essa aqui é porque a gente é muito grudada”, ou de outra dupla que procurava coisas “nojentas” pois a característica que não gostava na amiga era “quando ela arrota”, ou ainda de dois amigos que escolheram uma placa feita de tronco de madeira cortada que apresentava listras alinhadas, justificando que um deles era assim - “muito organizado”.

A partir das saídas para atividades externas, uma espécie de “parceria” foi notada na relação professor/aluno. Começaram a ser observadas maior confiança e atenção por parte deles nas explicações e solicitações, assim como melhorias no andamento das aulas por conta da promoção do interesse.

Durante as atividades desenvolvidas antes do período da greve docente, foi solicitado aos alunos que se posicionassem sobre a questão. Foram de extrema importância as

manifestações de opiniões por parte dos alunos, pois tratava-se de um direito que só a consciência da autonomia nos permite exercer.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1997)

Os resultados das propostas plásticas desenvolvidas colaborativamente pelos alunos foram excelentes. Sem serem cobrados em técnicas nem no tema da unidade, ficando completamente livres para se expressar, os alunos surpreenderam explorando texturas diversas, produzindo cartazes politizados numa organização ímpar. Neste período escolhemos trabalhar nas áreas comuns do colégio. Técnicas como o grafite e o estêncil, as quais não tinham sido trabalhadas em ambiente escolar com este grupo anteriormente, foram trazidas pela própria vivência dos alunos (Foto 6).



Foto 6 : Alunos D, E e F organizando proposta de cartaz com uso do estêncil.

Coube aos professores a mediação, a orientação básica e o registro fotográfico, favorecendo um maior aproveitamento das vivências e técnicas pelos alunos. Os grupos se

responsabilizaram inteiramente pela retirada e devolução às salas de aula dos materiais utilizados, também organizando e limpando as áreas comuns. Neste momento nós, professores, nos vimos como figurantes de um ato maior protagonizado pelos alunos. (Fotos 7, 8 e 9)

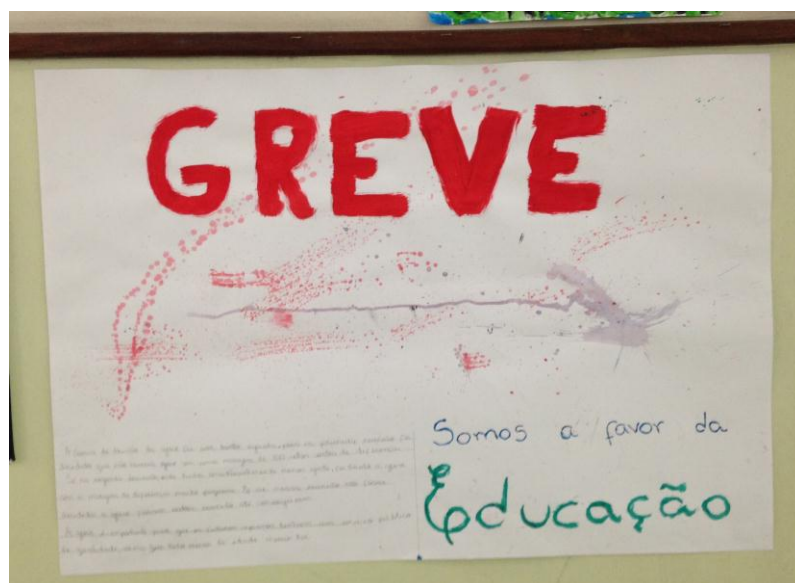


Foto 7 : Cartaz elaborado colaborativamente durante a atividade de greve.



Foto 8 : Manifestação plástica da Aluna G sobre a greve



Foto 9 : Foto dos trabalhos de greve, expostos no corredor comum

Concluindo este relato do trabalho desenvolvido no trimestre, podemos aqui afirmar a necessidade da escolha de mais propostas que favoreçam o aluno como centro do processo educacional. Geralmente são propostas que demandam mais tempo para sua elaboração e em um primeiro momento podem até causar extremo estranhamento por parte dos alunos, mas se fazem importantes para o favorecimento do uso consciente da autonomia e da escolha, necessárias a formação de um ser crítico. Como já foi afirmado previamente, as dificuldades processuais nesse caso se apresentam como enriquecimento e possibilidades de novos caminhos metodológicos dos grupos de alunos, mediados pelo professor.

[...] Cabe ao professor de arte abrir caminho para que seus alunos construam olhares estéticos que não se limitem apenas ao espaço escolar [...] (AROUCA, pg.12)

Tal questão também pode ser ampliada ao âmbito do professor em seus processos de ação e reflexão cotidiana, uma vez que estes serão os agentes veiculadores das possíveis experiências externas a realizarem com os alunos, necessitando estar preparados para conduzi-los assertivamente nas atividades propostas.

Referências

- AROUCA, C. A. C. **Arte na escola : como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo, Editora Anzol, 2012.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e Mudança na educação: Os Projetos de Trabalho**. Porto Alegre, RS: Ed. ARTMED, 1998
- HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho**. Porto Alegre, RS: Ed. ARTMED, 1998, 5a. Ed.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Petrópolis, 1997, RJ: Ed. Vozes.